

exercício de “história local”: uma saga na trajetória moveleira do planalto norte catarinense*

an exercise on “local history”: a saga in the course of furniture production at the northern santa catarina plateau

Hoyêdo Nunes Lins**

Universidade Federal de Santa Catarina, *Campus* Universitário Reitor João David Ferreira Lima, Trindade, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil

Gustavo Rugoni de Sousa***

Universidade do Estado de Santa Catarina, Itacorubi, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil

RESUMO

No planalto norte de Santa Catarina, a história local ou regional se entrelaça com as histórias do setor moveleiro e do empreendimento conhecido por Móveis CIMO. Após referir ao destaque nacional do aglomerado moveleiro presente na região, o artigo narra o secular percurso dessa empresa, descrevendo suas várias fases, com razões sociais que espelham composições societárias particulares. Dá-se realce às inovações de produto e de processo produtivo, sublinhando o pioneirismo na produção seriada e a solução dada a problema que se mostrou desafiador quando o perfil moveleiro do

ABSTRACT

At the northern Santa Catarina plateau the local or regional history looks intertwined with the histories of both wooden furniture production and the firm which came to be known as Móveis CIMO. After briefly describing the furniture cluster presently located in that region, the article focuses on the path followed by Móveis CIMO since the beginning of the 20th century, highlighting its stages, the names adopted and its ownership. The product and production process innovations are stressed, mainly the development of series production, and particular emphasis is placed on the way the firm ad-

* Submetido: 14 de abril de 2014; aceito: 25 de agosto de 2014.

** Professor dos programas de pós-graduação em Economia e em Relações Internacionais da Universidade Federal de Santa Catarina, *Campus* Universitário Reitor João David Ferreira Lima, Trindade, Florianópolis (SC). *E-mail*: hnlines55@gmail.com.

*** Pós-graduando do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina, na Linha de Pesquisa “História e Historiografia da Educação” (bolsista CAPES). *E-mail*: gustavorugoni@gmail.com

empreendimento se consolidou. Também se acentua o papel precursor da empresa na constituição daquela aglomeração moveleira e na “criação” de espaço no planalto norte. A decretação da sua falência, em 1982, é apontada como o fim de uma era na produção regional de móveis.

Palavras-chave: Indústria moveleira. Planalto norte catarinense. Móveis CIMO. Trajetória secular. “Criação” de espaço.

dressed a challenging problem when wooden furniture took the lead among its products. The role of Móveis CIMO in developing the local furniture production and in “creating” space at the northern Santa Catarina plateau is seen as very important. With its bankruptcy in 1982, one may refer to the end of an era in the furniture sector of the region.

Keywords: Furniture production. North Plateau of Santa Catarina. Móveis CIMO. Secular course. “Creation” of space.

Presente e passado iluminam-se com luz recíproca.
Fernand Braudel¹

Introdução

Não é raro, antes o contrário, que trajetórias locais ou regionais se apresentem entrelaçadas com percursos territorialmente enraizados de setores produtivos e/ou de empresas. Diferentes países e períodos permitem observar esse tipo de inter-relação. Obras de referência sobre a história do capitalismo, como as de Braudel (1997, 1998a, b) e Wallerstein (1979, 1984, 1998), costumam exibir numerosas indicações a respeito, associadas a contextos variados.

O presente estudo, concebido no campo da história, debruça-se sobre uma região, um setor e uma empresa específicos. O texto apresenta-se assim, em certo sentido, como um exercício de “história local”; também se poderia dizer “história regional” nos termos apresentados por Barros (2005).

A região corresponde ao planalto norte do estado de Santa Catarina, ou melhor, a um segmento da porção setentrional do espaço catarinense. O setor é o moveleiro, destaque irrecusável em território no qual desponta São Bento do Sul, centro de gravidade de uma das mais importantes aglomerações de produtores de móveis de madeira do Brasil

¹ Braudel (1992a, p. 57).

(especialmente por conta do desempenho exportador), também integrada por Rio Negrinho (privilegiada no trabalho por razões que ficarão evidentes) e Campo Alegre. A empresa é a Móveis CIMO S/A, razão social mais recente numa longa sequência de ações empresariais que, por motivo de falência, chegou ao fim em 1982.

As contempladas interações entre as trajetórias regional (ou local), setorial e empresarial são exploradas pelo ângulo do papel desempenhado pela Móveis CIMO S/A. Sua história e seu funcionamento autorizam considerá-la, pelo menos na escala da região, empresa precursora, talvez “desbravadora”, no segmento industrial do qual fez parte. Por extensão, essa empresa parece representar um elemento muito importante do processo de conformação do referido aglomerado moveleiro.

De fato, embora a literatura interessada no tema costume vincular o desabrochar dessa aglomeração a movimentos que adquiriram vulto nos anos 1970, principalmente, a pesquisa histórica indica tendências em curso já no início do século XX. E não eram tendências quaisquer, visto que redundaram em iniciativa empresarial que simbolizaria o início da produção seriada de móveis no Brasil. Ora, essa história praticamente se confunde com a história da implicada área do norte catarinense.

A pesquisa que embasou o artigo envolveu, sobretudo, o manuseio de documentos. Não poderia ser diferente, pois, a rigor, a história não representa outra coisa além do “trabalho e [d]a utilização de uma materialidade documental (livros, textos, narrações, registros, atas, edifícios, instituições, regulamentos, técnicas, objetos, costumes etc.) que apresenta [...] formas de permanências” (Foucault, 2007, p. 7-8). Ao pesquisador cabe, naturalmente, a tarefa de fazer os documentos se expressarem, embora não de qualquer maneira, já que “a realidade no estado bruto não é senão uma massa de observações por organizar” (Braudel, 1992b, p. 81).

Parte dos documentos utilizados foi obtida mediante pesquisa em arquivos históricos. Também se lançou mão de fontes bibliográficas, inclusive na forma de trabalhos acadêmicos, assim como de acervos organizados por outros interessados na experiência de que se trata neste trabalho.

Parte-se de algumas considerações sobre a, por assim dizer, “região moveleira” constituída no norte de Santa Catarina. Essa abordagem é breve, todavia, pois o interesse maior recai no percurso e no significado da empresa Móveis CIMO S/A.

1. O planalto norte catarinense e a indústria moveleira

O grosso da produção de móveis no Brasil tem lugar num punhado de aglomerações moveleiras distribuídas nas regiões Sudeste – Ubá (MG), Mirassol (SP), Votuporanga (SP), Grande São Paulo (SP) – e Sul – Arapongas (PR), Bento Gonçalves (RS) e São Bento do Sul (SC). Trata-se, portanto, de indústria localizada notadamente no Centro-Sul do país, onde se concentravam, no período recente, mais ou menos 83% das empresas e 86% da mão de obra empregada nas correspondentes atividades (Ferreira et al., 2008).

Os estados de São Paulo, Rio Grande do Sul e Santa Catarina registram mais da metade tanto das empresas como do emprego, e respondem por aproximadamente 80% das exportações. Vale assinalar que cada área produtora exhibe singularidades, sobretudo quanto ao segmento de mercado atendido, em sintonia com a diversidade geográfica, econômica e cultural do país.

Historicamente, Santa Catarina e Rio Grande do Sul possuem os aglomerados de melhor desempenho, organizados em torno de São Bento do Sul e Bento Gonçalves, respectivamente. Ambos produzem, na maior parte, móveis para residências, o primeiro fabricando notadamente móveis torneados de madeira maciça, especialmente de pinus, e o segundo mais voltado para móveis retilíneos seriados (de madeira aglomerada, chapa dura e MDF). Também na região Sul do país, o aglomerado de Arapongas, desdobrado em mais de 30 cidades, produz principalmente móveis seriados para consumidores de menor renda.

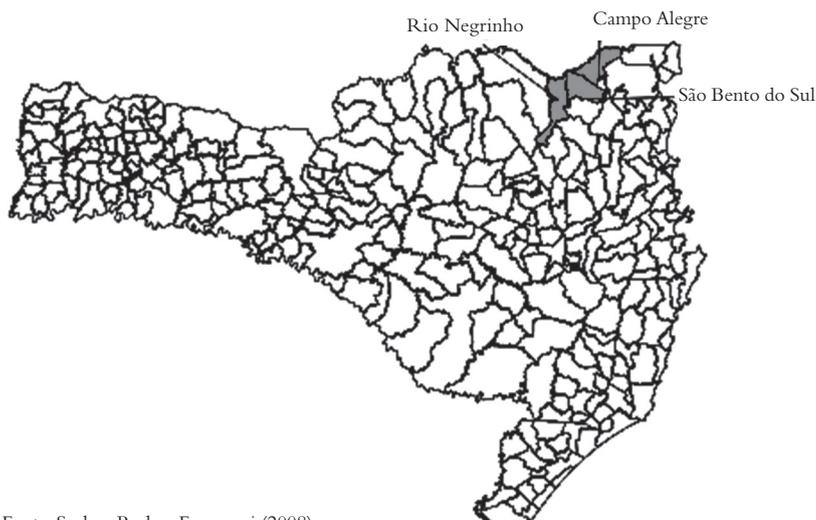
No Sudeste, o estado de São Paulo lidera a produção de móveis de escritório, observada seja na Grande São Paulo ou nas aglomerações de Mirassol e Votuporanga, situadas no noroeste paulista (Gorini, 2000). Ubá, de sua parte, registra a maior empresa de móveis de aço da América Latina, mas conta destacadamente com micro e pequenas empresas que fabricam móveis residenciais de madeira (Ferreira et al., 2008).

A aglomeração centrada em São Bento do Sul, no planalto norte catarinense (Figura 1), constitui-se na maior exportadora de móveis do Brasil, com elevados níveis de participação nessas vendas externas ao longo do tempo. Ao final dos anos 2000, aproximadamente 290 empresas participavam da produção moveleira nos municípios de São Bento do Sul, Rio Negrinho e Campo Alegre (Seabra; Paula; Formaggi, 2008),

dando contornos a uma indústria com destaque absoluto na região, no tocante à geração direta e indireta de emprego e renda.

A organização produtiva no seio desse aglomerado implica divisão técnica do trabalho entre empresas, com especialização de vários fabricantes de menor porte em atividades específicas (fabricação de peças e componentes, serviços como lixação). Seu tecido institucional é composto por distintos tipos de instituições em atividades de representação e coordenação e de ensino e pesquisa.

Figura 1 – Localização do aglomerado moveleiro no planalto norte catarinense



Fonte: Seabra, Paula e Formaggi (2008).

Produzidos com base em conhecimentos adquiridos e acumulados durante décadas, em processo que representa solidificação de competências e avanços na competitividade (Meyer, 2004), os móveis locais têm como matéria-prima básica a madeira maciça de pínus reflorestado, destinando-se notadamente, como já assinalado, ao uso residencial (em cozinhas, dormitórios, salas, escritórios). Fração bastante elevada da produção é dirigida a mercados externos, para o que se revelam essenciais vínculos que incluem o envolvimento de agentes de exportação capazes de captar encomendas de clientes estrangeiros (comerciantes que vendem nos Estados Unidos e em países europeus) e repassá-las aos fabricantes do aglomerado (Comerlatto; Lins, 2008; Denk, 2000).

A conjuntura nacional dos anos 1970, em que despontou a dinamização da construção civil, estimulou a indústria moveleira, de um modo geral, e repercutiu no planalto norte catarinense, com tradução em números de empresas e de empregos. Foi a partir de então que as exportações ganharam envergadura na esteira das melhorias em qualidade.

Nos anos 1980, o instalado quadro de crise econômica forçou a reestruturação das empresas e impôs uma exploração mais intensa de mercados externos, para o que os já mencionados agentes de exportação contribuíram sobremaneira (Lanzer; Casarotto Filho; Cunha, 1998). A abertura comercial dos anos 1990 representou o aumento das importações de máquinas e equipamentos, nutrindo a modernização produtiva que favoreceu a inserção/consolidação dos produtos locais em mercados estrangeiros.

Entretanto, as últimas quatro décadas não representam senão um período de fortalecimento de trajetória, ou de reafirmação de resultados, iniciada muito tempo antes, talvez no final do século XIX, embora com maior vigor, inegavelmente, a partir do início do século seguinte. As atividades de imigrantes europeus (alemães na maioria, mas também de outras nacionalidades, como a polonesa) ou de seus descendentes representaram os passos iniciais, no marco do artesanato e do aproveitamento dos resíduos de madeiras como imbuia e araucária, sendo o destino o consumo local.

De fato, já em 1899, segundo Ficker, a área de São Bento possuía “12 marcenarias com apreciável produção de móveis” (Ficker, 1973, p. 366). Na primeira década do novo século, essas pequenas marcenarias passaram a ganhar em dimensão, estimuladas por melhoramentos na infraestrutura de transportes que permitiram vendas fora da região (Kaesemodel, 1990).

Em escala de país, a produção seriada de móveis, cujas primeiras experiências foram observadas no transcorrer da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), passou a ocupar espaço cada vez maior, substituindo a produção artesanal. Todavia, ao que parece o advento da produção em série constituiu acontecimento registrado, em primeiro lugar, no planalto norte catarinense. Na segunda metade do século, a intensificação do crescimento industrial no Brasil e, em relação com tal processo, o avanço da urbanização representaram expansão da demanda por móveis e impulso à produção do setor.

2. Primeiros anos de uma trajetória setorial e regional

Um primeiro balizamento da narrativa que aqui se inicia diz respeito ao seguinte: pelo menos nos anos 1960 e 1970, as pessoas que frequentaram salas de cinema ou sentaram em bancos escolares em Santa Catarina, ou mesmo que se interessaram, por exemplo, por móveis para escritórios, certamente observaram a recorrência do marca Móveis CIMO no referido mobiliário.

Um segundo balizamento envolve considerar que, em pesquisa de campo para elaborar dissertação de mestrado sobre o desenvolvimento da indústria moveleira em Rio Negrinho, um dos municípios do aglomerado de fabricação de móveis localizado no planalto norte catarinense, Heyse registrou, entre as entrevistas realizadas, o seguinte depoimento de uma empresária da área de móveis e decorações: “todos aprenderam na CIMO. A região [...] é moveleira por ter nascido aqui a Móveis CIMO” (Heyse, 2009, p. 96).

No exercício de “história local” contemplado neste estudo e tendo em vista o interesse da pesquisa que lhe serviu de substrato, observações como as do parágrafo anterior representam um cristalino indicativo: a denominação Móveis CIMO merece ser considerada registro de um objeto privilegiado de atenção.

De partida, faz-se necessário referir à questão da escolha metodológica. Em aula inaugural no Collège de France, em dezembro de 1950, sobre as “posições da história”, Braudel assinalou que “não há jamais, na realidade viva, indivíduo encerrado em si mesmo; todas as aventuras individuais se fundem numa realidade mais complexa, a do social” (Braudel, 1992c, p. 23).

Mas o grande autor também consignou: “Não negamos [...] a realidade dos eventos ou o papel dos indivíduos, o que seria pueril” (Braudel, 1992c, p. 23). Mais ainda:

O perigo de uma história social, todos nós o percebemos: esquecer, na contemplação dos movimentos profundos da vida dos homens, cada homem às voltas com sua própria vida, seu próprio destino; esquecer, negar talvez, o que cada indivíduo sempre tem de insubstituível. (Braudel, 1992c, p. 35)

Sob o signo da cautela que tais “advertências” recomendam, inicia-se essa “história local” colocando em destaque um nome de família: Zip-

perer. Trata-se de referência a uma presença antiga no planalto norte catarinense. Nos registros dos primeiros imigrantes dirigidos à recém-criada Colônia Agrícola São Bento, em 1873, Ficker (1973) encontrou Anton Zipperer, Anton Zipperer Júnior, Georg Zipperer, Joseph Zipperer e Joseph Zipperer Júnior.

O destaque ao referido nome na narrativa aqui construída implica, antes de tudo, Jorge, filho do imigrante Joseph Zipperer. Nascido na Colônia São Bento, em 1879, Jorge Zipperer decide investir na atividade de uma serraria, o que realiza em sociedade com Willy Jung (natural da Alemanha e imigrado), com quem já possuía uma casa comercial. A serraria foi instalada em 1910, na localidade de Salto (que abrigaria a cidade de Rio Negrinho posteriormente), ganhando mais tarde, no âmbito da sociedade, a companhia de uma fábrica de caixas, para acondicionar/transportar frutas, cujas atividades tiveram início em 1914. Jung & Cia. era a razão social, a primeira de uma série na história da Móveis CIMO, como se verá.

O empreendimento possuía maquinário a vapor, algo então pouco comum, e também um gerador de energia. O maquinário foi adquirido na Alemanha, incluindo o dínamo, que permitia disponibilizar energia (iluminação) não só para a atividade industrial e a casa comercial, mas também para as residências dos trabalhadores (Bail, 2013).

O crescimento do negócio levou à instalação, em 1916, de uma segunda serraria, dessa vez em Lajeado, no Paraná, depois transferida para Mafra, em Santa Catarina. É sugestivo o desempenho que, em 1918, a empresa alcançou na exportação de caixas de frutas para a Argentina. A proximidade da estrada de ferro, que iniciou suas operações no período, revelou-se um fator decisivo, por facilitar o escoamento da produção.

A morte de Willy Jung em 1919 (devido à gripe espanhola) e o desinteresse da viúva em permanecer no negócio resultaram na dissolução da sociedade. Jorge Zipperer estabelece, assim, parceria com Andreas Ehrl, iniciativa que representaria alívio financeiro após os pagamentos feitos à família do falecido sócio. Uma segunda razão social surge no caminho trilhado: A. Ehrl & Cia.

É nessa fase do empreendimento em foco que tem início a produção de móveis. A correspondente investida mostra-se indissociavelmente vinculada ao envolvimento de outro membro da família Zipperer. Trata-se de Martin Zipperer, irmão de Jorge.

Martin teria sido treinado como marceneiro em oficina de São Bento, nos primeiros anos do novo século, e depois, na década de 1910, estudou por muitos anos no Liceu de Artes e Ofícios, em São Paulo, uma escola com reconhecimento nacional nesse tipo de formação. O retorno de Martin para São Bento foi um acontecimento decisivo para a evolução da empresa, assim como, segundo parece, a frustração de Jorge na tentativa de vender para outros empreendedores locais as aparas de imbuia que sobravam da fabricação de caixas para frutas. Logo se notou que essas aparas poderiam ser aproveitadas de outra forma: na produção de móveis, especificamente em pés de cadeiras.

Assim, uma firma da região norte de Santa Catarina, vista como pioneira em beneficiamento de madeira para fins industriais e para comercialização, engajou-se na produção moveleira. Mas deve ser ressaltada uma grande diferença comparativamente ao que se fazia em marcenarias locais. A A. Ehrl & Cia. representou a passagem de uma produção de tipo artesanal, protagonizada em manufaturas praticamente domésticas, para uma produção mecanizada, em série, ou seja, com escala produtiva muito maior.

Não por acaso, Martin Zipperer ficou conhecido como o grande *designer* do empreendimento que ganharia mais tarde a razão social Móveis CIMO S/A. Aliás, não parece despropositado considerar, haja vista o contexto da produção moveleira naquele momento no país, que o irmão do fundador se constituiu, a rigor, num dos pioneiros dessa profissão em todo o Brasil.

Martin concentrou-se na questão relativa ao aproveitamento das aparas de madeira. Simultaneamente, deu atenção à inovação em técnicas produtivas, de modo a conseguir comercializar em São Paulo, sem enfrentar dificuldades com respeito, por exemplo, ao encaixe de peças de cadeiras desmontadas. Santi (2000) menciona relatos sobre esse desenvolvimento técnico no diário do *designer*. Inicialmente, foram estudadas as cadeiras com peças torneadas fabricadas por outra empresa (Cia. Streif), mas a correspondente técnica foi descartada porque esses móveis eram vendidos montados. A solução veio quando Martin conheceu o processo de amarrar os pés por meio de arcos, empregado em cadeiras austríacas. Como decorrência dos testes efetuados, esse tipo de procedimento foi adotado em 1921, na fábrica da A. Ehrl & Cia.

Assim, embora já registrasse, por exemplo, um grande lote de pol-

tronas encaminhadas a salas de cinema, a fabricação de cadeiras com a técnica mencionada representou impulso particular ao empreendimento, que passou a experimentar expansão nas vendas para São Paulo e outros mercados, como o Rio de Janeiro. Cabe registrar que, participando da Exposição do Centenário da Independência do Brasil, em 1922, a empresa teve produtos seus premiados com a medalha de ouro.

Ao mesmo tempo em que se dedicou à inovação de produto, Martin Zipperer ocupou-se de problemas referentes às práticas produtivas. Seu objetivo era promover a racionalização do processo de fabricação, na perspectiva da produção seriada, sem prejudicar a qualidade dos móveis. A expectativa é que os produtos exibissem, além de resistência e conforto, uma estética apreciável e preços baixos. A convergência desses interesses materializou-se em diferentes modelos de cadeiras, incluindo algumas relativamente mais simples e aptas à comercialização a preços menores. A amarração dos pés em arco vergado era uma característica comum dessas cadeiras.

Uma descrição de dois modelos de cadeiras, o de n. 2 e o de n. 4, fornece uma ideia sobre os materiais utilizados e as técnicas empregadas na fabricação e na montagem desses móveis (Quadro 1).

Quadro 1 – Características de dois tipos de cadeiras produzidas pela A. Ehrl & Cia.	
CADEIRA N. 2	CADEIRA N. 4
Construída em madeira maciça com largura apropriada, permitindo o aproveitamento das aparas de madeira e facilitando a obtenção de material em maior quantidade, pois madeiras largas são mais difíceis de ser encontradas.	O assento e o encosto são de madeira maciça moldada; o formato anatômico do assento propicia apoios laterais às pernas e o encosto curvo acomoda as omoplatas.
As fixações são feitas por parafusos, simplificando os métodos de produção e permitindo a desmontagem; não necessita colagem.	
Os pés dianteiros são simplesmente encaixados com cavilhas no assento, pois estão amarrados pelos arcos, os quais, por sua vez, são parafusados no assento.	Este modelo apresenta algumas dificuldades ligadas ao tamanho da madeira: é pouco econômico, por utilizar mais matéria-prima do que a cadeira n. 2, mas o processo de montagem é mais simples.
Fonte: Elaboração própria com base em Santi (2000).	

Em 1923, Jorge Zipperer contraiu tifo e precisou se afastar por longo tempo das atividades da empresa. Talvez pelo seu prestígio como administrador, e com as incertezas que o afastamento possa ter provo-

cado nos credores, a imagem da empresa foi afetada no sistema bancário, provocando-lhe dificuldades financeiras. Diante das adversidades que incidiam na administração de uma maneira geral, Andréas Ehrl optou por sair da sociedade.

Uma nova razão social adentrou, desse modo, o trajeto percorrido, a saber, N. Jacob & Cia., resultado da sociedade com Nicolaus Jacob, outrora gerente da serraria na antiga localidade de Salto. Essa parceria teve duração curta, contudo, em que pese um grau de aceitação dos produtos pelo mercado, que se traduziu em marcado aumento da demanda: crescendo em 1924, as vendas atingiram mais ou menos 60 mil cadeiras e poltronas de cinema, com resultados muito bons também em caixas para frutas e em madeira serrada para a construção civil (Henkels, 2007). Mas problemas de relacionamento entre o novo sócio e antigos funcionários da empresa fizeram Jorge Zipperer dissolver a sociedade já no início de 1925.

3. Um período de particular vigor: Jorge Zipperer & Cia.

Desde então, a condução integral das atividades passou a ser exercida no âmbito da família Zipperer, exclusivamente. Tendo como sócios, além do majoritário Jorge, também Martin e Carlos Zipperer, e igualmente dois genros, a agora Jorge Zipperer & Cia. entrou em período de notável crescimento na produção e comercialização de móveis. Certamente contribuiu para a prosperidade dos negócios o fato de, embora fosse mantida a fabricação dos produtos já presentes no leque de oferta, terem sido introduzidas modificações nos móveis, em função de aperfeiçoamentos tecnológicos e do próprio aumento da escala produtiva, assim como das exigências do mercado.

No tocante à estrutura empresarial, deve-se assinalar a suavização do imperante caráter vertical, entendido como garantia de abastecimento em madeira. De fato, os terrenos adquiridos ao longo da história do empreendimento possuíam cobertura florestal, representando reservas para as atividades de serraria. Com a consolidação do perfil moveleiro na década de 1920, e com a expansão produtiva nessa direção, a madeira passou a ser também obtida com outros produtores da região. Todavia, mesmo nesse período as atividades permaneceram escoradas em forne-

cimento próprio, quer dizer, na madeira serrada a partir de árvores de propriedade da empresa.

Em termos tecnológicos, a instalação de estufas artificiais para secagem da madeira propiciou redução nos estoques, com as vantagens incrustadas. De todo modo, sendo a imbuia a principal matéria-prima utilizada (pelas exigências da demanda), a atividade de secar permanecia sinônimo de “rugosidade” no fluxo produtivo, pois essa madeira necessitava uma demorada secagem. No final dos anos 1920, foram adquiridas uma grande máquina a vapor e duas caldeiras para, na esteira da ampliação das instalações fabris, elevar a força motriz e a capacidade produtiva. Ao mesmo tempo, tiveram início na empresa estudos visando à utilização de madeira compensada na fabricação de móveis, uma novidade no Brasil naquele período (Santi, 2000).

A dinâmica do mercado influenciou sobremaneira os investimentos em maquinaria e o desenvolvimento das técnicas produtivas. Foram úteis os contatos estabelecidos na Alemanha (Hamburgo), para atualização tecnológica, e no comércio de São Paulo, para acompanhamento das tendências da produção em escala nacional, iniciativas que se revelaram frutíferas.

Embora as cadeiras de cinema e teatro, e mesmo outros tipos de móveis, utilizassem madeiras largas e sem defeito, tais exigências não podiam mais ser atendidas só com o uso de madeira maciça, devido à crescente indisponibilidade ou, numa fábrica em que a produção seria da se tornara o carro-chefe, às exigências de processos artesanais. Daí o desenvolvimento não sem influência das pesquisas feitas no exterior, do emprego de madeira laminada e colada apta à fabricação de superfícies largas e à produção seriada.

Mesmo assim, o produto que permanecia líder das vendas da empresa, amplamente à frente dos demais, era a cadeira 1001 (Figura 2). Tratava-se de cadeira fabricada “em imbuia e [...] com um antigo método austríaco de curvar a madeira (vapor)” (Gazaniga, 2011, s.p.), um móvel registrado como o “mais importante da empresa, pois marcou a transição entre a produção artesanal e [...] [a] produção seriada” (Gazaniga, 2011, s.p.).

Chegando a atingir mensalmente 30 mil unidades, a fabricação da cadeira 1001 implicava poucos trabalhadores, e a relação entre escala e contingente envolvido refletia os esforços de desenvolvimento tanto do processo produtivo, voltados à produção em série, quanto do próprio produto (Santi, 2000).

Figura 2 – Cadeira 1001, carro-chefe das vendas da Jorge Zipperer & Cia.



Fonte: Gazaniga (2011).

Observe-se que a estrada de ferro e, desde o Porto de São Francisco, a navegação de cabotagem – efetuada principalmente pela Empresa Nacional de Navegação Hoepcke, de Florianópolis – eram os meios para o transporte dos produtos.

O acelerado crescimento nas vendas de móveis, marcante nas operações da Jorge Zipperer & Cia., teve nas encomendas da administração pública um importante fator. Não induzem a pensar diferentemente pesquisas realizadas no Arquivo Público do Estado de Santa Catarina, que permitiram encontrar documentos sobre negócios da empresa com o governo estadual².

A título de ilustração, vale mencionar que um desses documentos, de 1932, determinava ao então secretário estadual da Fazenda, Viação, Obras Públicas e Agricultura o pagamento a Jorge Zipperer & Cia. de quantia referente aos móveis encaminhados às escolas de Campo Alegre e Valões. Outro documento encontrado referia-se a uma proposta de fornecimento, por parte de Jorge Zipperer & Cia., de mobiliário diverso a ser comprado pela administração catarinense para grupos escolares em Mafra, Porto União e Canoinhas (Arquivo Público do Estado de Santa Catarina, 1932).

Uma ideia sobre a vitalidade dos negócios da empresa nesse período é propiciada pela imagem e pelas informações contidas na Figura 3. Integrante do catálogo da Jorge Zipperer & Cia., o “documento” – no sentido de Foucault (2007), conforme assinalado na Introdução, uma

² Essas pesquisas ocorreram no âmbito do Projeto de Pesquisa “Objetos da Escola: Cultura Material da Escola Graduada (1874–1950) – 2ª edição (CNPq/FAPESC/ UDESC)”, da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), do qual participou um dos autores. Tal projeto se vincula à Pesquisa Nacional “História da Escola Primária no Brasil: Investigação em Perspectiva Comparada em Âmbito Nacional (1930–1961)”.

indicação que vale para todas as imagens apresentadas neste artigo – permite observar as instalações fabris no planalto norte catarinense e informa sobre as representações que a empresa possuía em diversas capitais estaduais, nas regiões Sul, Sudeste e Nordeste. Constatam igualmente alusões aos prêmios recebidos em diferentes momentos da sua trajetória.

Figura 3 – Instrumento de divulgação da Jorge Zipperer & Cia.

INDUSTRIAS REUNIDAS DE MADEIRAS

JORGE ZIPPERER & CIA.
 ESTACÃO RIO NEGRINHO - Est. de Santa Catharina
 BRASIL - ENDEREÇO TELEGRÁFICO: „JRM“

**Fabrica de Cadeiras, Poltronas para theatros, cinemas, templos, etc.
 Moveis escolares e para escriptorios -:- Serrarias e fabricaçao de caixas -:- Folhas de imbuya, cedro e pinho -:- Madeiras compensadas**

REPRESENTAÇÕES:

Rio de Janeiro, São Paulo, Curitiba, Florianopolis, Porto Alegre, Bella Horizonte, Bahia, Aracaju, Recife e Fortaleza

Diploma 1.º Classe - SÃO BENTO 1923
 Medalha de ouro - RIO DE JANEIRO . 1922/23
 Medalha de ouro - SÃO PAULO 1920
 Medalha de ouro - SEVILLA 1929
 Medalha de ouro - SÃO JOSÉ 1930

198

Fonte: Klostermann (2007).

Em 1932 ocorreu mais uma mudança de razão social. Agora sob a forma de Sociedade Anônima, a empresa passou a chamar-se Cia. Zipperer – Móveis Rio Negrinho S/A. Embora não sejam claras as razões dessa modificação, pois nada se encontrou de registros sobre o assunto, pode-se conjecturar que tal movimento tem a ver com a transferência de comando para Martin Zipperer, o irmão de Jorge, que liderara transformações fundamentais em matéria de produção e *design* no caminho trilhado pelo empreendimento.

4. Salto de notoriedade: Móveis CIMO S/A

O forte crescimento das encomendas na década de 1930 representou a expansão dos negócios da empresa. Isso refletiu a intensificação do seu

prestígio em nível nacional, sobretudo nos estados de São Paulo e Rio de Janeiro, principais praças de comércio do país.

Um importante e amplo quadro de representações comerciais tomou forma nesse contexto. Em 1939, oito integrantes compunham o elenco de representantes distribuídos em diferentes estados e regiões: P. Kastrupp & Cia., no Rio de Janeiro; P. Kastrupp & Cia. (filial), em São Paulo; H. Soncini, em Florianópolis; Raymundo Egg & Cia., em Curitiba; Emílio Rossmark, em Blumenau; Theo Moertel & Cia., em Joinville; Castro, Lima & Cia., na Bahia (Salvador); J. Leite Bastos, no Recife (Henkels, 2007).

Mas o falecimento de Jorge Zipperer no início de 1944 precipitou uma importante mudança. Decidiu-se formar um conglomerado envolvendo empresas pertencentes ao corpo de representantes da Cia. Zipperer – Móveis Rio Negrinho S/A ou a eles vinculadas. Na esteira do processo assim deflagrado, sete unidades empresariais, incluindo a empresa principal, formaram a Cia. Industrial de Móveis S/A, cujas iniciais compunham a palavra CIMO, denominação que passou a ser amplamente utilizada.

Ampliar a competitividade e facilitar a compra de ferramentas, vernizes e outros materiais importados da Europa figuraram entre os vetores da conglomeração, a logomarca da qual rapidamente se tornou bastante conhecida (Figura 4). Já a partir do ano seguinte, essa estrutura, que registrava mais de 5 mil empregos diretos em todas as suas atividades, contou com as instalações de um amplo edifício construído na área central de Rio Negrinho, naquele momento ainda um distrito de São Bento do Sul.

Figura 4 – Logomarca da Cia. Industrial de Móveis S/A

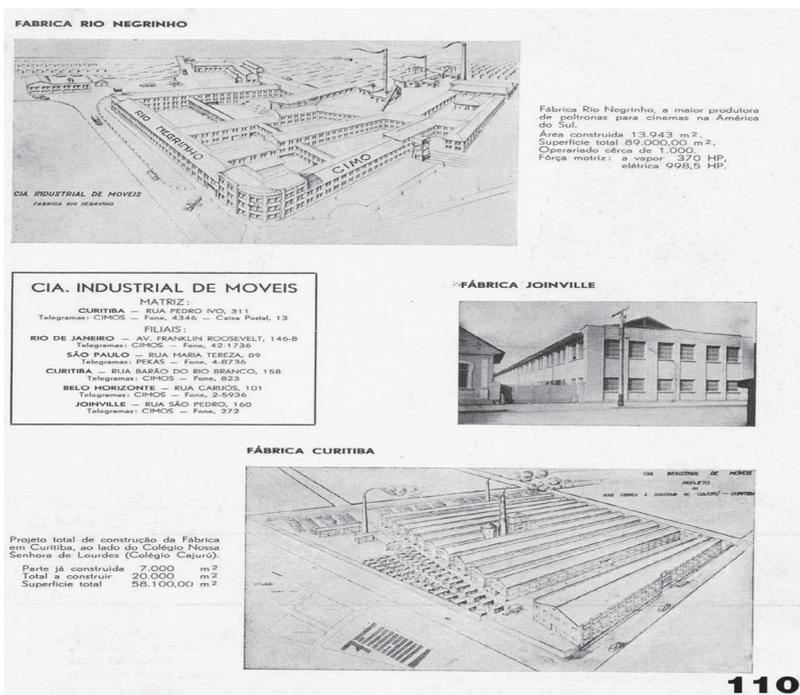


Fonte: Klostermann (2007).

Em 1954 ocorreu mais uma mudança na razão social, passando a empresa a denominar-se Móveis CIMO S/A simplesmente. Tornada uma fabricante de móveis com destaque em nível de América Latina, a empresa caracterizava-se pela administração descentralizada nessa fase.

Essa característica refletia a localização das várias fábricas, situadas em Rio Negrinho, Curitiba, Joinville e no Rio de Janeiro. De todo modo, o catálogo da Móveis CIMO S/A, elaborado naquele período, estampa como principais fábricas integrantes da rede aquelas localizadas em Rio Negrinho, Joinville e Curitiba. A unidade de Rio Negrinho, localidade que obtivera a condição de município em 1953, é apontada nesse documento como a maior fabricante de poltronas para cinemas da América do Sul (Figura 5).

Figura 5 – Fábricas da Móveis CIMO nos anos 1950



Fonte: Klostermann (2007).

Nesse período a matriz da empresa encontrava-se instalada em Curitiba, embora até o final da década de 1940 a sede nacional da Cia. Industrial de Móveis S/A estivesse localizada no Rio de Janeiro, dispondo de representantes em vários lugares do Brasil e também no exterior. Naquela fase, o controle decisório esteve concentrado na empresa Kas-

trupp, de grande prestígio comercial em todo o país. A sede foi transferida para Curitiba quando essa empresa se afastou da sociedade.

Deve-se assinalar que a estrutura em rede, notadamente com relação aos participantes do Rio de Janeiro e de Curitiba, representou importante suporte financeiro e comercial. Tal base favoreceu o desenvolvimento de uma linha de móveis para escritório denominada Linha DASP (Departamento de Administração do Serviço Público), talvez a primeira grande padronização de móveis digna desse nome no país (Ogama, 2007). Merece, todavia, destaque especial que os móveis escolares fabricados pela empresa tenham marcado presença duravelmente em numerosas instituições de ensino do Brasil, incluindo universidades estaduais e federais. Tal aspecto apresenta-se ombreado à condição, alcançada pela Móveis CIMO, de maior produtora brasileira de cadeiras para cinemas, teatros e auditórios.

Cabe também realçar a estratégia de especialização de cada unidade fabril em linhas de produção específicas, numa verdadeira divisão espacial do trabalho no seio da estrutura empresarial. Representando movimento de racionalização produtiva, tal estratégia resultou, por exemplo, na especialização da unidade de Rio Negrinho em móveis para escritório e em (pequena) produção de estofados, diferentemente do que se observou em Curitiba, onde as instalações se voltaram à fabricação de móveis para dormitórios e salas de jantar.

Sentido estratégico foi observado, da mesma forma, nas providências dizendo respeito aos equipamentos e ao maquinário. Possuindo um setor de máquinas dedicado à manutenção e também à criação de modelos mais adequados às suas necessidades, a empresa ostentava importantes atividades em desenvolvimento de tecnologia, já que a importação de maquinário (oriundo principalmente da Europa) era bastante onerosa. A ilustração de desenvolvimento tecnológico próprio refere-se a uma máquina de chapeamento de bordas, particularmente útil em contexto de expansão do mercado por outorgar maior facilidade e agilidade ao processo de fabricação. Do mesmo modo, vale mencionar o pioneirismo na aplicação à pistola de verniz a base de nitrocelulose (Ogama, 2007).

Num comentário de cunho abrangente, que remete ao tipo de questão focalizada acima, Heyse assinala que os produtos da empresa sobressaíram, antes de tudo, devido à “introdução da tecnologia da laminação da madeira e [...] [ao] uso de um padrão de *design* como diferenciais

competitivos, que além de diferenciá-los de seus concorrentes foram também práticas seguidas por muitas outras empresas que surgiram na região” (Heyse, 2009, p. 95).

Essa influência reverberou muito além do planalto norte, é importante ressaltar. Representando etapa culminante de uma trajetória de décadas, como se destacou, a Móveis CIMO acabou por figurar como um dos mais importantes e representativos fabricantes de móveis em série do país como um todo. Arruda não economiza palavras ao falar do significado histórico da empresa: o empreendimento em foco, especialmente na etapa da Móveis CIMO S/A, constitui indubitavelmente “um dos marcos mais expressivos entre a herança artesanal e o início da fabricação seriada no Brasil” (Arruda, 2009, p. 28).

Na região, a história do empreendimento mostra-se irrevogavelmente entrelaçada com a do próprio município de Rio Negrinho, por representar, pelo que tudo parece indicar, um fator determinante da criação deste. As atividades que gravitavam em torno da Móveis CIMO contribuíram fortemente para que a área, antes exibindo a condição de distrito de São Bento do Sul, se transformasse em município com a Lei Estadual n. 133, de 30 de dezembro de 1953.

Indicações estampadas na página da Prefeitura de Rio Negrinho na Internet são sugestivas a respeito disso. Lê-se que, em termos históricos, o desenvolvimento desse município “está fortemente atrelado aos primeiros núcleos de imigrantes [...], que foram se instalando ao longo da estrada Dona Francisca e, posteriormente, com a construção da estrada de ferro, o núcleo urbano foi se formando em torno da ex fábrica de Móveis CIMO” (Prefeitura de Rio Negrinho, 2013, s.p.).

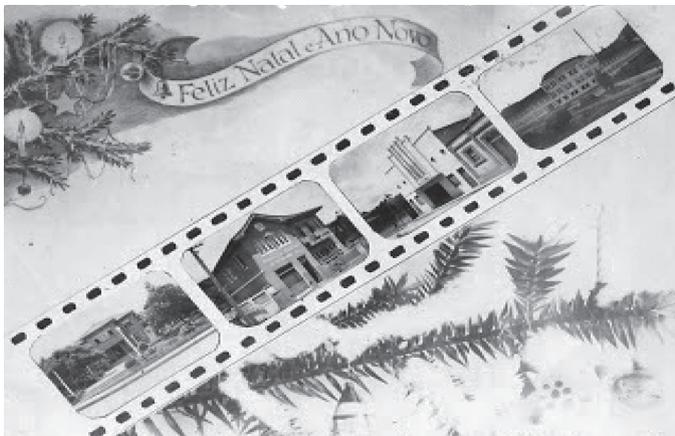
Não é sem significado que Rio Negrinho tenha adotado a data de nascimento de Jorge Zipperer para comemorar o aniversário municipal, e tampouco que a residência do fundador do empreendimento aqui estudado tenha sido transformada em museu, o Museu Carlos Lampe. É igualmente significativo que um cartão de Natal produzido na cidade, na década de 1940, ostentasse com destaque a imagem da empresa (Figura 6). Esse cartão constitui-se, talvez, no mais eloquente “documento” foucaultiano sobre as relações umbilicais entre a história da empresa e a história do município, e mesmo a do planalto norte catarinense.

O papel do empreendimento como indutor do processo de constituição de um setor moveleiro na região envolveu movimentos de tipo

spillover, pois ex-funcionários instalaram-se como fabricantes, aproveitando o conhecimento e a experiência adquiridos. Mas a influência deu-se de muitas maneiras. O próprio efeito demonstração foi importante, tanto quanto a solidificação de uma “cultura moveleira” sedimentada em décadas de atuação e interações no planalto norte catarinense.

Não é, portanto, desprovida de razão a análise de Santi, segundo a qual a Móveis CIMO “lançou bases para outras empresas hoje consideradas de ponta no setor, como é o caso da Rudinik, fábrica de móveis de grande porte, localizada em São Bento do Sul” (Santi, 2000, p. 18). É difícil imaginar, há de se convir, uma melhor ilustração para a ideia de foco gerador de iniciativas empreendedoras.

Figura 6 – Cartão de Natal do município de Rio Negrinho, década de 1940



Fonte: Bail (2013).

Deve ser igualmente destacado que o caminho percorrido pelo empreendimento que ganhou particular notoriedade com a *brand* Móveis CIMO representou “criação” de espaço, quer dizer, de estrutura espacial concreta ou de espaço socioeconômico. O espaço, entendido como organização espacial da sociedade, é sempre produto de relações sociais – Massey o reconhece como um resultado “de inter-relações, como sendo constituído através de interações, desde a imensidão do global até o intimamente pequeno” (Massey, 2008, p. 29) – e, ao mesmo tempo, é algo sempre já existente, uma herança do passado, apresentan-

do-se, nessa condição, como “uma *restrição objetiva* que se impõe ao desdobramento dessas relações sociais” (Lipietz, 1983, p. 22).

Ter sido determinante para a constituição de um ente federado – o município de Rio Negrinho – é o aspecto talvez mais tangível da condição de “criadora de espaço” ostentada pela Móveis CIMO. O planalto norte como “região moveleira”, uma configuração que, segundo as indicações, foi amplamente caudatária da trajetória narrada neste estudo, representa uma tradução mais geral do referido papel criador.

O mesmo vale para o grande arco de relações envolvendo outras cidades de Santa Catarina e do Brasil, e também os vínculos comerciais no exterior. Vinculou-se a isso, com efeito, a “organização” de um grande espaço (um território, haja vista a presença, por exemplo, de relações de coordenação), de geometria variável e crivado de fluxos e impulsos, tendo como centro de gravidade a Móveis CIMO. Esse espaço, que é ao mesmo tempo território, é produto de interações protagonizadas em diferentes escalas.

Modelado e remodelado em percurso pouco menos que secular, o “espaço moveleiro” no planalto norte catarinense representou herança que ajudou a plasmar dinâmica produtiva e territorial atribuidora, nas últimas décadas, de grande visibilidade a São Bento do Sul, Rio Negrinho e Campo Alegre, relativamente às exportações de móveis. Os traços contemporâneos desse aglomerado exprimem processos ocorridos em sucessivos *rounds* de (re)estruturação e espacialização da produção moveleira regional.

O sentido de dialética socioespacial, pelo qual o espaço é simultaneamente produto de relações sociais e determinante destas, encontra-se, portanto, impregnado na senda trilhada pelo “planalto norte moveleiro”, como ocorre em quaisquer realidades socioeconômicas e em diferentes circunstâncias. Tendo em vista que “a sociedade [continuamente] recria seu espaço sobre a base de um espaço concreto, sempre já dado, herdado do passado” (Lipietz, 1983, p. 22), aquele aspecto sequer precisaria ser realçado. Mesmo assim, cabe assinalar que tal questão indica a pertinência da frase de Braudel escolhida para epígrafe deste artigo: “Presente e passado iluminam-se com luz recíproca” (Braudel, 1992a, p. 57).

Conclusão

Em que pesem a trajetória percorrida e o reconhecimento logrado, inclusive em escala nacional, o empreendimento sobre o qual se procurou lançar um olhar histórico e analítico neste artigo não alcançou o final do século XX: em 1982 ocorreu a decretação de falência da Móveis CIMO S/A. Há diferentes versões sobre as causas desse melancólico desfecho.

Uma das explicações ressalta o afastamento de Martin Zipperer do comando da empresa. Participante ativo nas decisões no período da Jorge Zipperer & Cia., Martin tornou-se diretor superintendente após a conglomeração que resultou na Móveis CIMO S/A, em meados dos anos 1940, mas perdeu espaço progressivamente por conta de atritos com outros diretores (Henkels, 2007). O deslocamento do poder decisório para Curitiba, com ampliação do papel exercido pelos membros paranaenses da rede, em especial Raymundo Egg, teria contribuído para esse enfraquecimento.

Entretanto, também influenciou o afastamento do irmão, de alguma maneira, o próprio processo sucessório na empresa após a morte de Jorge Zipperer, por conta de aparentes desavenças entre os herdeiros. Na opinião de distintos observadores na região, a entrada em situação falimentar, anos depois, teria contribuído para fortalecer o entendimento, compartilhado por muitos, de que era bastante grande a importância de Martin Zipperer para a empresa.

Argumentos sobre problemas de atualização organizacional e produtiva foram igualmente utilizados na tentativa de explicar a situação amargada. A instalação no país de grandes fabricantes de painéis de fibra de madeira aglomerada, desde o final dos anos 1960, representou uma mudança no eixo da produção de móveis e provocou maior concorrência no setor.

Ora, apesar dos avanços no uso de novos materiais e na desverticalização produtiva, a Móveis CIMO nunca teria deixado de lado, efetivamente, seja a utilização de madeira maciça como matéria-prima essencial, seja o abastecimento interno à própria estrutura empresarial. Ao mesmo tempo, o uso generalizado de fibra de madeira aglomerada pelas novas grandes empresas recém-instaladas no país outorgava a esses fabricantes ganhos de competitividade ligados ao usufruto de custos menores.

A diminuição dos lucros, fundamentalmente ligada, nessa linha de interpretação, ao inadequado acompanhamento da variante tecnológica e produtiva que ganhara terreno no mercado, teria feito a empresa sofrer graves crises financeiras e administrativas já em 1970. Para piorar a situação, dois incêndios produziram resultados catastróficos: um em 1971, quando a unidade fabril de Joinville foi destruída; outro em 1972, atingindo a fábrica de Rio Negrinho. A reconstrução, projetada com instalações fabris modernas, foi encaminhada com base em recursos disponibilizados pelo Banco Regional de Desenvolvimento do Extremo Sul (BRDE).

Todavia, a crise financeira da empresa só fez se agravar. Isso provocou, em 1976, a convocação pelo BRDE de uma assembleia de acionistas, do que resultou a destituição da Diretoria e a nomeação de uma nova. Ao mesmo tempo, foi aberto um pedido de concordata preventiva. A discordância em relação à intervenção do BRDE fez Raymundo Egg – o diretor gerente – e os herdeiros da família Zipperer venderem seus ativos no final da década de 1970.

Os compradores foram Eduardo e Felipe Lutfalla, do Grupo Lutfalla, de São Paulo (Henkels, 2007). A compra de grande parte das ações resultou no controle da Móveis CIMO por esse grupo, o qual, entretanto, diferentemente do que se esperava, não demonstrou interesse na recuperação da empresa. A aquisição foi muito mais motivada, segundo parece, pela perspectiva de ganhos com a posterior alienação das diferentes partes da Móveis CIMO.

Daí que, ao cabo de uma dramática espiral de acontecimentos, foi decretada a falência da empresa em fevereiro de 1982. É difícil não considerar que, com esse movimento, chegou ao fim uma era na indústria moveleira do planalto norte de Santa Catarina e, não parece equivocadamente reconhecer, também do Brasil.

Referências bibliográficas

- ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DE SANTA CATARINA. Ofícios para o Departamento de Instrução Pública, jul. 1932.
- ARRUDA, Glória L. R. C. de. *O design na indústria moveleira brasileira e seus aspectos sustentáveis: estudo de caso no polo moveleiro de Arapongas – PR*. Bauru: Universidade Estadual Paulista, 2009 (Dissertação de Mestrado em *Design*).

- BAIL, Osmair. *Blog Rio Negrinho no Passado*. Disponível em <<http://blogdoosmair-bail.blogspot.com.br>>. Acesso em 10/6/2013.
- BARROS, José D. História, região e espacialidade. *Revista de História Regional*, v. 10, n. 1, p. 95-129, 2005.
- BRAUDEL, Fernand. História e ciências sociais. A longa duração. In: BRAUDEL, Fernand. *Escritos sobre a história*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1992a, p. 41-78.
- BRAUDEL, Fernand. Unidade e diversidade das ciências do homem. In: BRAUDEL, Fernand. *Escritos sobre a história*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1992b, p. 79-89.
- BRAUDEL, Fernand. Posições da história em 1950. In: BRAUDEL, Fernand. *Escritos sobre a história*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1992c, p. 17-38.
- BRAUDEL, Fernand. *Civilização material, economia e capitalismo: séculos XV-XVIII*. V. 1: *As estruturas do cotidiano: o possível e o impossível*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BRAUDEL, Fernand. *Civilização material, economia e capitalismo: séculos XV-XVIII*. V. 2: *Os jogos das trocas*. São Paulo: Martins Fontes, 1998a.
- BRAUDEL, Fernand. *Civilização material, economia e capitalismo: séculos XV-XVIII*. V. 3: *O tempo do mundo*. São Paulo: Martins Fontes, 1998b.
- COMERLATTO, Lairton M.; LINS, Hoyêdo N. Produção moveleira em São Bento do Sul (SC): a perspectiva das cadeias mercantis globais. *Ensaio FEE*, v. 29, n. 2, p. 503-530, 2008.
- DENK, Adelino. *Dinâmica competitiva do cluster moveleiro da região de São Bento do Sul – SC*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2000 (Dissertação de Mestrado em Economia).
- FERREIRA, Marcos J. B. et al. *Relatório de acompanhamento setorial: indústria moveleira*. V. 1. Campinas: NEIT-UNICAMP/ABDI, jun. 2008. Disponível em <http://www.funcex.org.br/material/redemercosul_bibliografia/biblioteca/ESTUDOS_BRA_SIL/BRA_177.pdf>. Acesso em 22/6/2013.
- FICKER, Carlos. *São Bento do Sul: subsídios para a sua história*. Joinville: Imprensa Ipiranga S.A., 1973.
- FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.
- GAZANIGA, Maria A. *Reedição cadeira 1001: Móveis CIMO S/A*, 25/7/2011. Disponível em <<http://mariaalicegazaniga.blogspot.com.br/2011/07/reedicao-cadeira-1001-moveis-cimo-sa.html>>. Acesso em 20/6/2013.
- GORINI, Ana P. F. *A indústria de móveis no Brasil*. Curitiba: Alternativa, 2000.
- HENKELS, Henry. *Móveis CIMO: sua história*, 2007. Disponível em <https://sites.google.com/site/hhenkels/hist%C3%B3ria_sbs/mov_cimo1>. Acesso em 19/5/2013.
- HEYSE, Cirene L. *O desenvolvimento do setor moveleiro no padrão de design e na identidade sócioeconômica e cultural na região do alto vale do rio Negro*. Canoinhas: Universidade do Contestado, 2009 (Dissertação de Mestrado em Desenvolvimento Regional).
- KAESEMODEL, Maria S. *A indústria moveleira em São Bento do Sul – SC*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 1990 (Dissertação de Mestrado em Geografia).

- KLOSTERMANN, Lara A. *Banco de imagens de catálogos da Móveis CIMO S/A*. Curitiba: Universidade Tecnológica Federal do Paraná, 2007 (Monografia de Especialização em *Design* de Interiores).
- LANZER, Edgar; CASAROTTO FILHO, Nelson; CUNHA, Cristiano. *Análise da competitividade sistêmica do setor de móveis em Santa Catarina*. Florianópolis: BRDE, 1998.
- LIPIETZ, Alain. *Le capital et son espace*. 2. ed. Paris: La Découverte/Maspero, 1983.
- MASSEY, Doreen. *Pelo espaço: uma nova política da espacialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.
- MEYER, Manfredo. *Os determinantes microeconômicos das exportações do polo moveleiro de Santa Catarina*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2004 (Dissertação de Mestrado em Economia).
- OGAMA, Marília S. *Móveis CIMO e a industrialização do mobiliário no Brasil*. Parte 1, 2007. Disponível em <http://www.totalmoveis.com.br/nw_show_news.asp?idnot=0889&ided=060>. Acesso em 19/5/2013.
- PREFEITURA DE RIO NEGRINHO. *A cidade: história*. Disponível em <<http://www.rionegrinho.sc.gov.br/?pagina=historia&p=5>>. Acesso em 24/11/2013.
- SANTI, Marília A. *Contribuições aos estudos sobre as origens da produção seriada do mobiliário no Brasil, a experiência Móveis CIMO S/A*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2000 (Dissertação de Mestrado em *Design*).
- SEABRA, Fernando; PAULA, Débora de; FORMAGGI, Lenina. Arranjo produtivo de móveis da região de São Bento do Sul. In: CARIO, Silvio A. F. et al. (orgs.). *Economia de Santa Catarina: inserção industrial e dinâmica competitiva*. Blumenau: Nova Letra, 2008, p. 268-296.
- WALLERSTEIN, Immanuel. *El moderno sistema mundial*. V. I: *La agricultura capitalista y los orígenes de la economía-mundo europea en el siglo XVI*. México: SigloVientiuno, 1979.
- WALLERSTEIN, Immanuel. *El moderno sistema mundial*. V. II: *El mercantilismo y la consolidación de la economía-mundo europea, 1600-1750*. México: SigloVientiuno, 1984.
- WALLERSTEIN, Immanuel. *El moderno sistema mundial*. V. III: *La segunda era de gran expansión de la economía-mundo capitalista, 1730-1850*. México: SigloVientiuno, 1998.